

# Uma aproximação à poesia de Vicente Paulino: *Alma guerreira timorense, poesias*

Alleid Ribeiro Machado\* 

## Palavras iniciais

Timor-Leste é uma nação insular situada no Sudeste Asiático, compartilhando uma fronteira terrestre com parte do território indonésio. Durante quatro séculos, o país integrou o império colonial português. Em meio ao domínio português e às lutas de independência, no período da 2ª Guerra Mundial, houve duas invasões, uma australiana e outra japonesa, ao Timor colonial.

O processo de independência timorense aconteceu no mesmo período das ex-colônias portuguesas na África, na década de 1970. Regina Brito e Alexandre Bueno (2022) lembram que, da mesma maneira como ocorreu nos países africanos colonizados por Portugal, foi consensual a decisão pela manutenção da língua portuguesa por parte dos dois partidos dominantes (UDT e Fretilin).

Avançando na diacronia histórica do país, acerca do contexto político da independência timorense, Brito e Bueno (2022, p. 152) reforçam que, apesar dessa importante conquista, “[...] uma guerra civil entre os dois grandes partidos políticos timorenses fragilizou a organização social e política do país, o que facilitou a entrada e o domínio do exército indonésio [...]”, cerca de um mês depois da declaração da independência, de modo que o Timor-Leste “[...] passou a ser mais um dos territórios indonésios, durante um considerável período (1975-1999).”<sup>1</sup>

As consequências da anexação ao território indonésio foram devastadoras para a população nativa timorense. Ian Lippi (2022, p. 12) ressalta que a invasão da Indonésia e o genocídio em Timor-Leste poderiam ter sido impedidos “[...] por ações não belicosas das grandes potências globais [...]”, mas isto, de fato, não foi levado a cabo. Assim, em consonância com o contexto da Guerra Fria e da polarização ideológica entre EUA e URSS, em Timor-Leste, considerado o lado marxista dessa polarização, “[...] aconteceu um gravíssimo ataque contra os direitos internacionais, um genocídio que durou longos anos [...]” (LIPPI, 2022, p. 12). Financiada belicamente pelos EUA, a Indonésia era especialmente favorecida por algumas “[...] potências ocidentais, que pregavam a valorização dos direitos humanos fundamentais [...]” que eram, por muitas vezes “[...] omissos [*sic*] com o genocídio que estava se desencadeando.” (LIPPI, 2022, p. 13).

---

\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. *E-mail*: alleid.machado@mackenzie.br

<sup>1</sup> “Em 1998, as Nações Unidas acordaram com Portugal e com a Indonésia fazer um referendo, onde 78% dos timorenses votaram a favor na independência formal de Timor-Leste. O referendo acontece a 30 de agosto de 1999 e no dia 18 de setembro do mesmo ano os primeiros contingentes dos soldados da paz da ONU chegam ao país para ajudar no processo de transição democrática. A assembleia constituinte cria a constituição que entra em vigor a 20 de maio de 2002, dia em que Timor-Leste volta a ser independente.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022).

A história de luta pela independência do domínio indonésio junta-se ao histórico interesse na manutenção da língua portuguesa como língua de resistência por parte dos revolucionários timorenses. Dessa forma, o uso do português, que se espraia em meio ao uso do tétum – língua mais falada pela população –, foi adjuvante para a construção da própria história da nação, para forjar a memória da força e do poder de um povo aguerrido às suas origens, e para a própria construção da identidade nacional, que deveria ser descolada daquela veiculada pela nação dominadora. Nesse sentido, Daniel De Lucca (2021, p. 19) ressalta que:

Como primeiro país a conquistar a independência no século XXI, a história tornou-se uma peça-chave no processo [de] narração da nação e construção do Estado timorense. Justamente por oferecer imagens de fundação, continuidade e singularidade, elementos projetados como definidores da identidade e da unidade nacional, o conhecimento histórico desempenha um papel crucial na formação da memória coletiva, na sensibilização de grupos de interesse, na legitimação do poder político e nas reivindicações de soberania do Estado.

A reflexão proposta por De Lucca, relacionada à importância do discurso histórico para a consolidação da nação timorense independente, pode ser pensada no que tange aos desdobramentos da literatura em língua portuguesa elaborada em Timor-Leste, principalmente no período pós-colonial, como também pré e pós-independência da dominação indonésia. Regina Brito e Vima Martin (2019, p. 229), ao tratarem da literatura timorense, lembram que:

A literatura timorense é bastante jovem, tendo em vista o panorama das literaturas de língua portuguesa. De fato, a história da literatura escrita nesse território inicialmente povoado por diferentes grupos étnicos, majoritariamente descendentes e melanésios e malaio-polinésios, é recente. Entretanto, a tradição oral, assentada em modos próprios de organização e transmissão de saberes, é forte entre os timorenses.

Trata-se de uma literatura, escrita “[...] seja em português seja em tétum (língua nacional e oficial, ao lado da portuguesa), [que] frequentemente dialoga com aspectos das culturas orais [...]” (BRITO; MARTIN, 2019, p. 229), constituindo-se como veículo de afirmação identitária e resistência (RAMOS, 2012), organizando-se com o propósito de estabelecer uma identidade forte e vigorosa, fortalecendo tanto o presente quanto o passado timorenses.

Ao longo do século XX e já no XXI, parte da poesia elaborada reflete o clima de instabilidade político-social do país, operando também para resgate de diversos símbolos culturais. Neste campo “[...] surgiram escritores que desenvolveram uma literatura sobre o Timor-Leste e escritores timorenses que não necessariamente tratavam o país como tema de seus escritos.” (SILVA, 2019, p. 14). Entretanto, “Foi também nessa conjuntura que a poesia pôde contribuir como instrumento de resistência à dominação e como ferramenta para a consolidação, ou melhor, formação da identidade nacional [...]” (SILVA, 2019, p. 14).

A poesia de Vicente Paulino emerge desse contexto de luta e resistência, como também de valorização da identidade do povo timorense. Seus anseios, medos e frustrações face às incertezas

geradas pelo trauma da guerrilha, o desejo de trazer à tona a memória e os feitos de um povo destemido e forte estão presentes em seus versos, que liricamente andam de mãos dadas com a história, inclusive recente, da qual ele foi testemunha ativa.

Vida minha pertence a uma história,  
essa história é a própria vida minha.  
Uma história surgida na mente da alma minha,  
e ficou gravada na carne do meu corpo  
[...]  
Quando eu estava decidido a falar  
do espírito guerreiro dos meus antepassados,  
O som da natureza se aproximou  
Encorajando minha alma para dizer a verdade. (PAULINO, 2021, p. 79).

Expressa em língua portuguesa, sua poesia possui uma dimensão histórica e cultural, contribuindo para a solidificação da identidade timorense por meio da conexão com a tradição e com a memória coletiva.

Este artigo propõe uma análise de alguns poemas de teor engajado de Vicente Paulino, a fim de evidenciar o seu papel na veiculação da memória e no fortalecimento da identidade nacional de Timor-Leste. Em um momento em que o Ocidente enfrenta as crises do capitalismo global (CASTELLS, 2018) e lida com identidades frágeis (BAUMAN, 2005), apoiamo-nos na hipótese de que, pela linguagem poética, a memória coletiva se entrelaça com as tradições culturais, destacando a rica história do país e dando voz às experiências individuais e coletivas, contribuindo para o fortalecimento da identidade nacional.

Esta análise, ao tomar como objeto de reflexão poemas do livro *Alma guerreira timorense, poesias* (PAULINO, 2021), procura demonstrar como a poesia em Timor-Leste se tornou uma ferramenta poderosa para preservar a cultura e a identidade timorenses, principalmente tendo em vista as gerações que cresceram num contexto posterior à independência da nação.

## **Relações entre memória e identidade**

No livro *Memória e identidade*, o antropólogo francês Joël Candau (2018) tece discussões acerca da memória sob o ponto de vista da antropologia social. Na verdade, Candau aborda diversas perspectivas sobre a questão, fundamentando-se em autores como Pierre Nora, Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur para discutir as possibilidades de transição entre memórias individuais e coletivas na construção das identidades.

Suas bases teóricas se estabelecem na cultura, que serve como ponto de partida para a observação da realidade e para a própria constituição da memória e identidade de grupos específicos. Thales Alecrim (2021, p. 2), ao se debruçar sobre a questão da memória na obra de Candau, lembra que, para o autor francês:

[...] a memória é definida como as narrativas que sobreviveram ao passado e são constantemente relembradas, denotando, portanto, um sentido de coesão para o indivíduo e para o grupo. Nesse passo, a identidade é, na verdade, ‘a memória em ação’, pois é por meio dela que se criam as narrativas de pertencimento identitário.

Ao aprofundarmos nossas reflexões sobre as interações entre memória e identidade para tentarmos compreender como elas se entrelaçam e se fortalecem conjuntamente, encontramos na história de Timor-Leste uma amostra para tais discussões. As experiências passadas deste país, que foram marcadas por séculos de colonialismo e, posteriormente, pela ocupação indonésia, evidenciam as lutas e as tentativas de resistência que ajudaram a moldar a identidade nacional timorense. Paralelamente a isto, a literatura timorense parece ecoar um pouco desses períodos e das lutas pela independência, tornando-se, em termos estéticos e ideológicos, uma porta-voz essencial da memória coletiva do país.

De acordo com Candau (2018), a memória coletiva pode ser considerada um repositório dinâmico de experiências compartilhadas socialmente ao longo do tempo, sendo reativada e reconfigurada a todo momento. Dessa forma, o autor defende que a memória coletiva não se configura apenas pelos acontecimentos do passado.

De fato, a memória é uma construção social ativa, orgânica, que molda e é moldada na forma e pela maneira como os grupos sociais se veem e se inter-relacionam, constituindo-se, segundo Átila Tolentino e Mónica Franch (2017, p. 52), como uma “[...] representação, ou seja, uma forma de metamemória, evocada e pretendida por determinados grupos.”. Podemos ampliar a compreensão sobre o estatuto da memória, a partir da noção de que ela:

[...] não é uma mera cristalização do passado e não significa que [os] fatos ocorreram exatamente como são contados. **Ao se adotar como pressuposto que a memória é uma construção, assume-se que ela é dinâmica e que um determinado passado é reinventado e construído a partir das referências que temos no presente. Da mesma forma, a memória é relacional**, no sentido de que está atrelada aos sujeitos [que] a constroem, aos seus interesses, à sua cosmovisão e às suas experiências de vida. (TOLENTINO; FRANCH, 2017, p. 13, grifos nossos).

A ideia de que a memória é relacional leva-nos à compreensão de que ela não deve ser entendida como uma mera reprodução estática do passado; além disso, não possui necessariamente uma fidelidade (em seu sentido mais estrito) aos fatos, ou seja, nem sempre os fatos são narrados ou ocorreram exatamente da forma como são lembrados. Ela é também uma construção social e cultural, sendo moldada e influenciada pelas percepções dos indivíduos em seus presentes contextos.

Em termos de memória coletiva, Maurice Halbwachs (2006), sociólogo francês, destaca que ela se constitui socialmente por meio das pessoas que compartilham e constroem memórias em grupo. Essas memórias coletivas desempenham um papel fundamental na formação da identidade de uma comunidade, nação ou grupo social. Halbwachs (2006, p. 51) afirma que: “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios.”.

De qualquer forma, as memórias pessoais são relacionais e mudam conforme tempo, espaço, meio, dentre diversos outros condicionantes. Mas as memórias coletivas são moldadas e reinterpretadas continuamente pela comunidade ao longo do tempo, se inter-relacionam justamente com este apanhado difuso e complexo de símbolos e imagens que ajudam a formar a identidade de uma comunidade, nação ou grupo social. Há, assim, uma estreita ligação entre a memória coletiva e a identidade social – ambas são socialmente construídas e ligadas a um grupo ou comunidade específica.

Assim, podemos inferir que a memória coletiva em Timor-Leste não é apenas um registro do passado, mas um instrumento que tem sido ativado (inclusive pela literatura) para a construção da identidade nacional, já que fortalece o senso de pertencimento à nação, até mesmo nos momentos de crise, além de servir como um lembrete contínuo da resiliência do povo timorense diante de desafios históricos.

A história de luta e resistência pela independência diante dos longos períodos de colonização e ocupação de Timor-Leste contribuiu para a composição da memória desses eventos (GOMES, 2015), que influenciaram a identidade individual dos timorenses, fornecendo-lhes uma narrativa compartilhada que conecta suas vidas às lutas do passado. Portanto, a história de Timor-Leste ilustra sobremaneira como a memória e a identidade estão intrinsecamente ligadas, e como a memória coletiva pode ser uma força motriz na formação e preservação da identidade nacional e cultural.

Se a memória desempenha um papel fundamental na construção e manutenção da identidade pessoal, cultural e coletiva, podemos nos questionar como ela pode ser refletida nas crises econômicas, políticas, dentre outras, enfrentadas nas sociedades contemporâneas. Como sabemos, o capitalismo global representa uma crise que “[...] se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza [...]”, que “[...] fratura a convivência humana, [...] alimenta o medo cotidiano e dá amparo à restrição da liberdade em nome da segurança.” (CASTELLS, 2018, p. 9), principalmente num contexto de incertezas e impessoalidade no qual somos transformados em dados. Em meio à conjuntura ocidental que impulsiona a fluidez das identidades, estamos imersos em um mundo líquido e disforme, conforme preconizado por Zygmunt Bauman (2005, p. 17), para quem as identidades cada vez mais são negociáveis segundo interesses monetários, são descartáveis, não possuindo, dessa maneira, “solidez”, pois, “[...] são bastante negociáveis e revogáveis [...]”.

Em termos de Timor-Leste, como temos observado, trata-se de uma nação que tem uma história complexa de colonização, resistência e independência. Sob constantes ameaças da imposição cultural do “outro”, a memória desempenha um papel fulcral na formação e perpetuação da identidade nacional, contribuindo para manter “vigorosas” as narrativas em torno da independência, a fim de fortalecer o simbolismo comumente associado às nações soberanas (povo forte, lutador, resistente às adversidades, dentre outras idealizações). Isso nos leva a compreender que a memória coletiva tem papel vital na identidade timorense.

Entretanto, essa nação asiática não está imune às crises do capitalismo global (GOMES, 2015). Karin Indart (2022, p. 58) destaca que a independência em Timor-Leste trouxe “[...] uma nova situação para a sociedade – a abertura do país para o mundo e a influência estrangeira na cosmovisão das novas gerações.”. Assim, mesmo que símbolos nacionais possam ser reforçados no resgate da tradição, dos

mitos fundadores, das lendas que trazem à tona a ideia de um povo forte e resiliente, “[...] os jovens pós-independência encontram-se em outra fase de mudança pelo contato com a informação externa.”

Temos assim que, no fluxo da contemporaneidade e com esses jovens intensamente expostos à modernidade (INDART, 2022), as identidades se modificam e se alteram com mais rapidez. Segundo esta lógica, não existem identidades imutáveis, pois “[...] no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.” (BAUMAN, 2005, p. 33); inclusive, a identidade nacional é dinâmica, sendo “[...] construída e reconstruída no tempo através da ação dos atores sociais, políticos, económicos, jurídicos, religiosos/espirituais, entre outros.” (GOMES, 2015, p. 391), que vão “[...] definindo e redefinindo os fatores estratégicos da identidade de uma nação.” (GOMES, 2015, p. 391).

Como ocorre em outros lugares do mundo, a fragilidade das identidades também é observada em Timor-Leste. A migração, a exposição a culturas estrangeiras e a influência da mídia global podem levar as gerações mais recentes a avaliar sua identidade cultural e nacional, questionando como a memória coletiva se alinha com essas mudanças.

Em síntese, em tempos de volatilidade identitária, a memória desempenha um papel fundamental no reforço das identidades, sejam elas pessoais, culturais ou coletivas, fornecendo uma base de experiências, narrativas e tradições que ajudam a moldar como as pessoas veem a si mesmas e aos outros. Além disso, a memória não é um fenômeno isolado ou estático, mas está intrinsecamente ligada ao contexto social, ao poder e às relações de grupo, como procuramos destacar.

A literatura timorense, escrita em língua portuguesa, que se consubstanciou como a língua de resistência face à dominação indonésia, opera como instrumento para fortalecimento de uma identidade que precisa ser lembrada e reafirmada, que não pode ser representada de maneira frágil ou fragmentada.

Nesse contexto, torna-se fundamental nesta literatura a promoção da memória, seja para a preservação da história da nação e para garantia que o passado, até mesmo o recente, não seja esquecido; seja para homenagear os nomes daqueles que tomaram na luta (ou os que dela saíram vitoriosos). De todo modo, este movimento desempenha um papel fundamental na honra daqueles que dedicaram suas vidas pela causa timorense, ao mesmo tempo que contribui para manter mais coesa a identidade da nação. É basilar, pois, que o país siga preservando as tradições culturais enquanto se adapta a novas realidades econômicas, culturais e sociais. Como ressalta Ramos (2012, p. 151), a literatura timorense “[...] vem fazendo, desde há décadas, um lento caminho de construção e afirmação.” Para o autor, a longa ocupação indonésia reforçou, no uso da língua portuguesa, a relevante função de intervenção e resistência, aspecto que a diferenciaria das literaturas africanas escritas na mesma língua.

Como observamos, a literatura timorense tem desempenhado, inclusive por meio da língua portuguesa, papel significativo no fortalecimento das identidades e na preservação da memória, principalmente no contexto de resistência à dominação indonésia, incorporando elementos da cultura e da história – aspecto muito presente na poesia de Vicente Paulino, que conta a sua história e a de seus ancestrais para provocar reflexões sobre a experiência coletiva de um grupo, preservando assim memórias culturais e históricas.

## A poesia de Vicente Paulino

Vicente Paulino é um poeta timorense, nascido em 1 de outubro de 1978, na localidade de Holsa-Maliana. Além de possuir um perfil acadêmico solidificado – é professor e diretor do Centro de Estudos de Cultura e Artes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (CECA-UNTL) –, sua biografia é marcada pela profunda conexão com suas raízes identitárias e pelo engajamento nas lutas pela independência de seu país, que buscou ao lado de diversos jovens inseridos no contexto da resistência ao domínio indonésio.

No livro *Alma guerreira timorense, poesias*, Vicente Paulino (2021) faz um aprofundado trabalho poético de recuperação e reflexão histórica, buscando preservar a cultura e identidade de Timor-Leste. O livro divide-se em quatro “Partes”, antecedidas por um “Prefácio”, escrito por Abé Barreto Soares, poeta timorense, e uma “Apresentação”, escrita por Vicente Paulino, os quais são seguidos por dois textos: “Mais história dentro de mim e com ela manifesto o meu ser” e “Recordar a história é conhecer nossos heróis”. Esses dois textos expressam a tônica do livro, que desde o seu início intenta fazer um exercício de memória em diálogo com a história da nação.

Na sequência, elencam-se os poemas agrupados em partes, sendo: “Parte I – Alma guerreira timorense”, a nosso ver, que estabelece o mote do livro: tratar dessa alma ancestral como símbolo identitário timorense; “Parte II – Poemas aos amigos defensores da liberdade e da democracia”, justamente dedicada aos que fizeram parte da resistência de Timor-Leste, incluindo heróis coletivos, como os missionários que atuaram junto ao povo nessa mesma luta; “Parte III – Políticos presunçosos”, cujos versos denunciam o momento mais atual do país, explicitando certo desencanto com governantes que não atuam em consonância às necessidades do povo e da nação timorense; e, finalmente, “Parte IV – Versos diversos”, que incluem poemas de tônica pessoalíssima, na ambivalência entre o mundo particular e o coletivo.

Este trabalho se dedica a analisar alguns poemas da Parte I do livro, nos quais notamos versos de teor engajado, moldados pela experiência da luta contra a dominação indonésia (mas não apenas, pois são retratados outros momentos em que o solo timorense foi ocupado por outras nações), reverberando, de todo modo, os sentimentos profundos desse e de outros períodos difíceis e complexos. Cabe salientar que na lírica do poeta ecoam aspectos relacionados não apenas à história. Em conjunto, a obra aponta para uma pluralidade de temas, que podem ser explorados em outro momento em trabalhos futuros.

Podemos afirmar que a Parte I está de acordo com o que Vicente Paulino explicita na “Apresentação” de seu livro, quando revela a intenção de dialogar com a história, enfatizando que esse diálogo deve ser assentado na verdade. Observa-se nisso o compromisso ético do autor em relatar os fatos. Um compromisso que, de saída, revela que estamos diante de um escritor “empenhado”, ou seja, “[...] que dialoga diretamente com a realidade social, posicionando-se criticamente diante dela [...]” (BRITO; MARTIN, 2019, p. 230).<sup>2</sup> Seguindo essa linha de pensamento, podemos dizer que o poeta acredita que

---

<sup>2</sup> Brito e Martin (2019) tratam da ideia de autor empenhado, conforme postulado por Alfredo Bosi (2002) em seu texto *Narrativa e resistência*. Nele, o autor “[...] observa que o conceito de resistência se origina no campo da ética e não da estética. Isso

a história precisa ser revelada com integridade e escrita com um compromisso moral com a verdade. Como ele bem observa: “Cada homem faz a sua própria história e com a história registra a sua luta pela sobrevivência.” (PAULINO, 2021, p. 15).

Em termos gerais, a poesia timorense, além de seu valor estético, também desempenha um papel de resistência artística contra o domínio estrangeiro, ao permitir que determinados escritores expressem sua visão de mundo em relação às políticas coloniais ou de ocupação, frequentemente adotando uma abordagem de teor subversivo na língua portuguesa. Como observam Brito e Bueno (2022, p. 152):

[...] se a presença lusitana começava a ser apagada pelo novo colonizador, com a língua portuguesa não seria diferente. Quase que imediatamente, o governo central indonésio não apenas proibiu o uso da língua portuguesa (mantida somente em missas e ritos da igreja católica), como ainda impôs a língua oficial do país (a bahasa indonésia).

No caso da poesia de Vicente Paulino, esta atitude (ética e estética) se torna clara também a partir dos propósitos que o autor assume em seu livro, o de reconstituir a verdade histórica, pois é preciso “[...] ‘superar a mágoa da verdade’ [...]” (PAULINO, 2021, p. 17). Ou seja, a realidade histórica concreta impõe-nos uma versão para a qual devemos procurar alçar outra verdade legitimadora. A poesia inscrita na Parte I do livro parece configurar esse caminho para a legitimação da memória timorense.

Recordar a dureza da dominação pelo “outro” e o desejo de superação da opressão decorrente desse processo parece ser a tônica de alguns dos poemas da seção, como observamos em *Pátria violada*, do qual transcrevemos algumas estrofes:

**Recordo-me** agora neste pedaço de vida  
Aqui mesmo, neste lugar conhecido  
Derramou o sangue dos inocentes,  
Que os grandes potentes os tornaram indefesos esquecidos.

**Recordo-me** agora neste pedaço da ilha  
Aqui mesmo, nesta linha fronteira  
Que inimigos infiltraram e mataram,  
Povos indefesos, os jornais ficaram em silêncios.

**Recordo-me** agora a história  
dos visitantes indesejados.  
Entrou na minha casa, roubaram o meu mar  
Destruíram meus montes e o meu lar.  
[...] (PAULINO, 2021, p. 83, grifos nossos).

---

significa considerar que são sobretudo os valores (e os antivalores) – forças catalisadoras da vida em sociedade – que são representados pelo escritor, segundo opções estéticas próprias e inclinações ideológicas específicas.” Para um estudo mais amplo acerca das relações entre poesia e resistência, sugere-se consultar Brito e Martin (2019).

Na íntegra, o poema é estruturado em cinco estrofes, cada uma com quatro versos. Tal simetria na estrutura cria uma sensação de equilíbrio no poema. No entanto, a repetição dos versos iniciados pelo verbo “recordar-me” na conjugação reflexiva da primeira pessoa no presente do indicativo, significando “lembrar de algo” ou ter “memória de algo”, aponta para uma rememoração insistente que se espalha ao longo das quatro estrofes, indicando que a ação de lembrar é central para o eu lírico. Observamos nos versos em pauta que a memória deriva de um local familiar para ele, um lugar “conhecido”, submerso num contexto dramático como um “pedaço de vida” – imagem que cria uma tensão do conteúdo em relação ao equilíbrio formal do poema.

O uso do advérbio de lugar “aqui” reforça essa perspectiva. Esse local está intrinsecamente ligado ao derramamento de sangue daqueles que estiveram ao lado das forças de resistência. Já a expressão “pedaço de vida” remete ou está intimamente ligada à terra – o lugar do eu lírico no mundo –, também referido como um “pedaço de ilha”. Corpo e terra se consubstanciam numa mesma composição, ambos expostos à presença violenta do “outro”, isto é, os “inimigos” que “infiltraram e mataram,/Povos indefesos”. Diante de tal fato, o tom de denúncia se amplifica: “os jornais ficaram em silêncios”, de modo que os versos de Vicente Paulino não deixam de imputar a injustiça daqueles que se mantiveram calados diante das atrocidades cometidas nesse local visitado pela memória.

A violência retratada no poema poderia remeter ao massacre de Santa Cruz, ocorrido em 12 de novembro de 1991, quando houve um “[...] banho de sangue que se transformou em um dos fatores de contestação [da presença da Indonésia] em solo timorense.” (COLARES, 2006, p. 85). Entretanto, ao longo do poema, cada estrofe parece apontar para diferentes aspectos da história traumática de Timor-Leste, desde a colonização portuguesa, passando pelas invasões australiana e japonesa, culminando na dominação indonésia em 1975. Nesse percurso, o poema enfatiza a lembrança do derramamento de sangue dos inocentes e as sucessivas invasões que causaram a destruição da terra natal. O poema, dessa forma, lida com a memória coletiva de eventos traumáticos na história de Timor-Leste, englobando a ocupação estrangeira feita de forma sempre violenta.

É importante destacar que a poesia de Vicente Paulino revela uma dimensão narrativa, como se seus versos fossem capazes de nos conduzir para uma história que jamais deve ser esquecida. A sua poesia, mais do que expressão de uma emoção estética, é um veículo para a difusão de uma história marcante, de uma memória, como se pode observar no poema intitulado *Adeus amigos de resistência*, que, segundo a sua epígrafe, é dedicado a Mateus e Silvino, dois jovens que sucumbiram na noite de 2 de setembro de 1999<sup>3</sup> “[...] após algumas horas de luta contra os milícias militares indonésios.” (PAULINO, 2021, p. 104):

Naquela tarde,  
próxima da noite fria  
A dois de Setembro,  
data de uma memória inesquecida.

---

<sup>3</sup> Depois do referendo de 30 agosto de 1999, cuja maioria dos votos apontou para a independência de Timor-Leste, houve, já na entrada do mês de setembro, uma ofensiva por parte dos milicianos pró-indonésios para minar a independência recém-declarada e instaurar o medo na população.

Milícias e militares armados,  
Faziam rondas e cercos,  
Maliana angustiada,  
a sede Juventude Lorico Ass'wain queimada.

Na linha de frente estava nós,  
firme no espírito resistente,  
lutando com pedras,  
atancando forças inimigas.

Em defesa da nossa casa,  
resistíamos e resistíamos.  
Sem armas e munições,  
lutávamos com pedras.

Sem beco de saída,  
pois, ficávamos cercados,  
Companheiros nossos abalados  
pela bala das forças inimigas,  
Recordamos de momento a vossa partida. (PAULINO, 2021, p. 104).

O poema, transcrito na íntegra, é marcado por versos irregulares que, ao contrário de *Pátria violada*, criam um ritmo de instabilidade, que reflete seu próprio teor, enfatizando a coragem de um grupo encurralado “sem beco de saída”, sem munições, “lutando com pedras/atancando forças inimigas”. A sensação rítmica inconstante do poema evoca um sentimento de perda e tristeza pela partida de amigos em meio ao conflito: “Companheiros nossos abalados/pela bala das forças inimigas”.

A poesia em destaque é um arquivo que traz à tona nomes e não apenas fatos. A epígrafe lembra que é preciso dizer os nomes daqueles que morreram pela pátria, de modo que a história particular dessas pessoas se soma a tantas outras, dos que morreram e dos que sobreviveram, dos que não se importariam de sucumbir por essa nação tão amada.

Tal desejo é levado a um grau ainda mais potente, como notamos nas estrofes do próximo poema a ser destacado, intitulado *Pátria ou morte*:

Se eu tivesse sido obrigado a escolher  
Pátria ou morte,  
Preferia morrer por ela  
A estar na gaiola sem respirar.

Se eu tivesse sido obrigado a morrer  
Por uma causa boa,  
Não hesitaria em aceitá-lo,  
Pois, a minha morte seria a libertação de todos.  
[...] (PAULINO, 2021, p. 80).

Na perspectiva do eu lírico, diante da encruzilhada da ocupação, existem apenas duas alternativas: viver pela Pátria ou morrer por ela. O substantivo “Pátria” equivale à vida, ocupando o lugar de escolha em face da possibilidade da morte em tempos de guerra. O uso da partícula de indeterminação “se”, seguido do pretérito imperfeito do subjuntivo (que se repete ao longo das nove estrofes que compõem o poema), reforça a incerteza do sujeito poético frente ao cenário de guerra. Entretanto, mesmo diante desse medo da iminência de um desfecho fatal, a decisão do eu lírico é certa: a única alternativa é lutar pela Pátria. Essa luta individual, na verdade, é coletiva, uma vez que a morte de um indivíduo significa, em última instância, “a libertação de todos”.

De qualquer forma, observamos que os poemas que compõem *Alma guerreira timorense* reforçam a lembrança de uma história dolorosa, desempenhando um papel fundamental tanto na construção da memória coletiva quanto na formação da identidade do povo de Timor-Leste. O sentimento de reafirmação identitária é intensificado pelo trabalho da memória, pois, como Candau (2018, p. 16) ressalta:

[...] a memória, ao mesmo tempo em que modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

Cabe, portanto, reforçarmos que a poesia de Vicente Paulino revela uma dimensão profundamente narrativa. Os seus versos são construídos de maneira bastante imagética e sugestiva. Trata-se de uma poesia sensitiva (tal como a memória), de modo a transportar os seus possíveis leitores para o tempo/espaço dos acontecimentos, salientando uma história que jamais deve ser esquecida. Vejamos o poema intitulado *Dezembro escuro em 1975*, do qual destacamos alguns trechos e ao qual dedicaremos uma análise mais ampla:

De longe ouvia-se  
Uma notícia chegada  
Veio da cidade  
Que Díli estava tomada pelos pássaros-humanos  
De estranhos capacetes-vermelhos  
Vindos de Jakarta em nome de Orba.

Eu não nascia ainda  
Mas sabia pela história contada  
Quem contou? Foi o meu pai  
Numa tarde dos anos anteriores  
Em que ano, já não me lembro.

7 de Dezembro, data formal da invasão  
Cidade de Díli estava acordada  
Pelas descidas dos pássaros-humanos  
De estranhos capacetes-vermelhos,  
Afinal eram pássaros armados a roubar  
Soberania dos timores

O céu azul da manhã de Díli  
Coberto pelos carros voadores  
O mar calmo de Díli  
Enchido de tubarões bélicos  
Até o solo da cidade  
Dominado pelos cavalos blindados

Chuvas de lágrimas dolorosas  
Cobriam o corpo dos inocentes.  
Pelas partidas dos filhos amados,  
Águas dos olhos molhavam a face das mães  
Pela ausência das mães queridas  
As crianças choravam dolorosamente.

A cidade de Díli daquele dia  
Estava coberta pelos cheiros estranhos,  
Era cheiros de avisos dos inocentes  
E heróis mortos pelas balas assassinadas.  
[...] (PAULINO, 2021, p. 100-1).

Como relatamos brevemente no início deste artigo, Timor-Leste tornou-se ex-colônia de Portugal a partir de 28 de novembro de 1975, quando se deu a Proclamação unilateral da Independência de Timor-Leste pela Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (Fretilin). Contudo, logo após a proclamação da Independência, inicia-se também a guerra civil, quando a Indonésia invade a parte leste da ilha, em 7 de dezembro de 1975.<sup>4</sup> Nesse momento:

Os navios da Indonésia começaram a bombardear a periferia de Díli, onde julgavam estar o braço militar da Fretilin, as FALINTIL (Forças Armadas de Libertação Nacional do Timor Leste). Logo após, ainda de madrugada, aviões do exército indonésio despejavam paraquedistas na zona portuária [...]. Após os massacres iniciais, iniciaram-se os saques. Soldados indonésios invadiam casas e igrejas, carregando tudo o que conseguiam carregar em navios que seguiam do Timor para Java (base militar da maioria dos oficiais da ABRI). Diante dessa situação de terror, muitos timorenses fugiram para as montanhas para escapar das tropas indonésias que chegavam a todo momento. Durante os primeiros dias da invasão, duas mil pessoas foram massacradas em Díli (ALVES, 2006, p. 44-5).

O poema *Dezembro escuro em 1975* explicita esse contexto. Para tanto, os versos fazem uso do tempo verbal no passado, transportando os leitores exatamente para esse momento específico dos acontecimentos: “7 de Dezembro, data formal da invasão/Cidade de Díli estava acordada”.

Várias características do poema merecem ser destacadas. Nos primeiros versos, sabemos que o eu lírico não estava presente naquele dia fatídico, mas que ele conhece os acontecimentos por meio das narrativas que ouviu de seu pai. Isso revela o quanto a memória é também “[...] uma arte da narração

---

<sup>4</sup> Em Timor-Leste, o dia 7 de dezembro é feriado e chama-se Dia dos Heróis Nacionais (7GRAUS LDA, 2023).

que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio.” (CANDAUI, 2018, p. 72-3).

Ao todo, o poema possui sete estrofes compostas por versos heterométricos, que criam um efeito dinâmico para se veicular certas informações advindas da realidade, como por exemplo: “O mar calmo de Díli/Enchido de tubarões bélicos”. O mar tranquilo que margeia a ilha é confrontado pela invasão de animais marinhos ameaçadores que devem desestabilizar o ambiente. Tal imagem se coaduna com a métrica, composta por um ritmo inconstante e livre, aliás, ambos acompanham o ritmo do fato narrado e o impacto dele na memória versificada: “Era cheiros de avisos dos inocentes/E heróis mortos pelas balas assassinadas.”.

Em conjunto, os versos transmitem sentimentos como medo e tristeza. Como afirmamos algumas linhas atrás, os versos são altamente imagéticos e sinestésicos: “A cidade de Díli daquele dia/Estava coberta pelos cheiros estranhos”, criando um retrato plástico desse dia complexo na história de Timor-Leste. O eu lírico se vale da personificação quando descreve os “pássaros-humanos”, os “carros voadores” ou mesmo quando afirma que a “Cidade de Díli estava acordada”. Esse recurso cria um efeito de sentido inusitado, onírico, intensificando o impacto emocional do poema, uma vez que o que se evoca, ao fim, é uma nação organicamente viva e ciente do caos e da violência.

Por fim, destacaremos o poema intitulado *Sonho de liberdade*, que traz uma tônica esperançosa em relação ao futuro, tendo sempre no horizonte dos versos o pretérito dos acontecimentos:

Fiquei a noite inteira a sonhar.  
Pensei na vida que tive durante a guerra.  
Sonhei com uma vitória certa,  
Que libertará o meu ser das algemas da guerra.

Ainda de noite adormecido fiquei.  
Era madrugada com pequena claridade.  
P'ra fora pela janela uma variedade espertei,  
Vi a estrela da madrugada a comparecer com a sua bondade

Vi uma estrela a cair nessa aparecida  
Foi uma sorte vinda da casa dos loros sagrados  
Que desceu no seu lar p'ra libertar os sofridos  
Também eu desejava receber essa sorte aparecida.

O que tinha visto no meu sonho de ontem a noite,  
Não foi ilusão de obter vitória na guerra.  
Foi uma verdade que sinto agora com contente,  
Que estou livre mesmo nas algemas da guerra. (PAULINO, 2021, p. 112).

Neste poema, o eu lírico está imerso num sonho que lhe toma a noite inteira, como o desejo de uma pátria livre que o persegue desde sempre e que é reforçado, contrastivamente, pelo substantivo “algema” – marcando assim a vontade metaforicamente representada de não se estar atado, de ter “as suas mãos livres”. O poema segue uma estrutura regular, refletindo um ambiente tranquilo de descanso

– evidenciado pelo substantivo “noite” –, um ambiente que evoca esperança e desejo. São quatro estrofes com oito sílabas métricas, variando entre alternadas (ABAB) e emparelhadas (AABB).

O sonho traduz-se no desejo de liberdade, como bem revela o título, mas é fato que tal desejo se conecta com a sua própria existência e/ou experiência: “Pensei na vida que tive durante a guerra/[...] Também eu desejava receber essa sorte aparecida.”

Notamos, de forma geral, a experiência de alguém que se coloca como testemunha e agente dos acontecimentos, que presenciou o sofrimento e as atrocidades de um sistema violento, e que pode acreditar na esperança futura: “Sonhei com uma vitória certa [...] / Vi a estrela da madrugada a comparecer com a sua bondade”. Entretanto, seria esse desejo apenas um sonho, uma projeção revestida de esperança? Ou já se trata do relato de algo conquistado: “Não foi ilusão de obter vitória na guerra”? O último verso traz um enigma: “[...] estou livre mesmo nas algemas da guerra.”, indicando uma síntese desse desejo, isto é, no presente do relato, este eu lírico sente-se liberto mesmo atado às lembranças/algemas que o aprisionam ao passado/à guerra contra seu povo. Ninguém está realmente livre do passado, ou melhor, da memória traumatizante da guerra.

Todavia, esta lembrança é fundamental para que a liberdade possa estar garantida, ou seja, o discurso engendrado pelo eu lírico revela uma espécie de fortalecimento de paradigmas que formam a identidade timorense, muito calcada na tradição belicosa. Num país no qual a lógica das identidades fluidas não deve predominar, há espaço para a veiculação de valores ligados a um sujeito cuja existência se volta para o Estado, fortalecendo o nacionalismo. Isso também fortalece o senso de pertencimento identitário e, por consequência, a nacionalidade visada.

Nesse sentido, se a liberdade não pode ser dada ao corpo físico do sujeito poético, não importa, pois ela pertence, de fato, a sua alma. A alma guerreira do povo timorense não se deixa aprisionar por algemas. Não há ataduras para quem nasceu num solo ancestralmente sagrado, onde caiu a estrela vinda da casa dos “loros sagrados”,<sup>5</sup> como prenúncio de boas novas ou de graça a ser recebida.

## Palavras de epílogo

A força motriz deste artigo foi evidenciar questões de memória e identidade que se presentificassem na poesia de Vicente Paulino. Para tanto, o recorte de análise se baseou na produção lírica constante no livro *Alma guerreira timorense, poesias* (PAULINO, 2021), especificamente na Parte I, da qual foram analisados cinco poemas de teor engajado.

Assim, propusemos como percurso de estudo, primeiramente, sintetizar o contexto sociopolítico de Timor-Leste, destacando as diversas fases de dominação estrangeira, centrando-se sobretudo na última ocupação feita pela Indonésia – uma vez que nos parece que o poeta focaliza especialmente esse doloroso período como mote para a sua escrita.

<sup>5</sup> Segundo a cultura timorense, a expressão “loros sagrados” pode fazer referência ao Sol. No contexto da poesia, pode fazer alusão à luz sagrada ou divina, ou a uma graça recebida. Trata-se, em todo caso, de uma crença animista da tradição ancestral.

Na sequência, trouxemos alguns pontos de discussão sobre memória e identidade, partindo dos estudos propostos por Joël Candau (2018). Como sabemos, o antropólogo francês fez um apanhado teórico bastante consistente, embora panorâmico, em torno desses temas. O estudo de Candau serviu de base para pinçarmos essa questão em outros autores e para refletirmos sobre tal conceituação, tendo em vista o objeto literário em pauta. Além disso, abordamos brevemente a questão das identidades frágeis, conforme discutido por Bauman (2005), no contexto das crises do capitalismo, como explorado por Castells (2018). Isso se relaciona com a ideia presente na obra de Vicente Paulino de que, diante do inevitável avanço da modernidade, que traz consigo a fragilidade das identidades, há o ensejo do fortalecimento identitário como forma de preservação da história nacional, e em especial, da memória coletiva timorense.

Em seguida, adentramos o universo poético de Vicente Paulino, já com a proposta de fazermos uma aproximação entre os poemas escolhidos para análise e as questões relacionadas à memória e identidade. Enquadramos a poesia do autor no espectro do engajamento, para justificar essa base analítica. Nesse aspecto, consideramos, baseando-nos nos apontamentos de Brito e Martin (2019), que a sua poesia, em essência, não é apenas uma manifestação artística esteticamente muito bem realizada; há nela um compromisso ético com a verdade e, sendo a sua escrita elaborada em língua portuguesa – língua de resistência –, torna-se um veículo para a transmissão de narrativas e memórias, notadamente em contextos históricos complexos, como o de Timor-Leste.

Em essência, o que torna a poesia de Vicente Paulino ainda mais significativa é a maneira como ela provoca o sentimento de reafirmação identitária. Sabemos que a identidade de um povo está intrinsecamente ligada à sua história e às narrativas que a cercam, assim, ao utilizar a poesia como meio de expressão, Paulino está reforçando a identidade timorense, afirmando a importância de sua cultura e história em face das adversidades apontadas. Nos poemas selecionados, a chave para essa “reafirmação identitária” reside no poder da memória, que está constantemente sendo ativada pelo eu lírico. Como bem destacado por Candau (2018), a memória não é uma entidade estática, mas, sim, um processo dinâmico que se molda e é moldado por nossas experiências e interações culturais. A memória, no contexto da lírica analisada, não é apenas um repositório passivo de informações; ela é ativa, dinâmica, sendo adjutora para a preservação identitária e para sua renovação.

Assim, a poesia de Vicente Paulino atua como um arquivo vivo, dinâmico e significativo de experiências compartilhadas, que se entrelaçam com a identidade timorense. Por meio de versos que mobilizam história e memória, o poeta fortalece o senso de pertença identitário, dando voz às lembranças coletivas de seu povo, criando um elo fundamental entre o passado e o presente. Isso resulta em uma lírica que se assemelha a uma narrativa, enriquecida com histórias vivas e sensoriais ativadas pela memória.

Temos por certo que *Alma guerreira timorense* se coloca, ao lado das produções literárias recentes de Timor-Leste, como destaque, pelo poder de manter acesa a chama da história de luta e resistência do povo timorense, suas tragédias e glórias. Essa lírica, além de despertar o gosto estético, pelos versos que acompanham o ritmo e o timbre de um sujeito marcado pela experiência de ser e de estar num tempo e num espaço, torna-se um instrumento de preservação da história e da memória, reafirmando

a identidade nacional, principalmente num momento em que os mais jovens começam a viver um processo de apagamento do passado, em que as identidades parecem ser colocadas à prova e em que as influências externas chegam com mais velocidade, e encantam por outras vias. Por meio dessa lírica, muito aguerrida à ancestralidade daquele “pedaço de ilha/pedaço de vida”, as histórias e experiências coletivas são preservadas, transmitidas e celebradas, resistindo ao esquecimento fatídico, reforçando, enfim, a importância da memória e identidade na formação e na preservação da alma de uma nação, d'*Alma guerreira timorense*.

## Referências

ALECRIM, Thales Reis. A memória em ação: breves considerações sobre os conceitos de memória e identidade na obra de Joël Candau. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. e193209, 2021. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v13i2e193209>

ALVES, Janaina Marques. *Timor Leste: um estudo sobre o processo de democratização e seus limites*. 2006. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) - UniCEUB, Brasília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/9631>. Acesso em: 7 out. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2005.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BRITO, Regina Pires de; BUENO, Alexandre Marcelo. Ensinar português em Timor-Leste: relatos e reflexões. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 150-173, jan./jun. 2022. Doi: <http://doi.org/10.18364/rc.2022n62.478>

BRITO, Regina Pires de; MARTIN, Vima Lia. É preciso gritar bem alto: resistência, nacionalismo e libertação timorense em Francisco Borja da Costa. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 46, p. 228-245, 2019. Doi: <https://doi.org/10.12957/matraga.2019.37422>

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: uma crise da democracia liberal*. São Paulo: Zahar, 2018.

COLARES, Luciano da Silva. *As missões de paz da ONU e a questão de Timor-Leste: ponto de inflexão?* 2006. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DE LUCCA, Daniel. *A timorização do passado: nação, imaginação e produção da história em Timor-Leste*. Salvador: EDUFBA, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34392/1/a-timorizacao-do-passado\\_RI.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34392/1/a-timorizacao-do-passado_RI.pdf). Acesso em: 7 out. 2023.

GOMES, Donaciano. Timor-Leste e os desafios do século XXI: o projeto mar. *Povos e Culturas*, Lisboa, n. 19, p. 383-405, 2015. Doi: <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2015>

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LIPPI, Ian Bicudo. *Invasão e ocupação do Timor-Leste pela Indonésia (1975-1999)*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/237494/TCC\\_Ian\\_Lippi\\_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/237494/TCC_Ian_Lippi_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 7 out. 2023.

INDART, Karin Noemi R. A resistência dos professores timorenses à implementação da língua portuguesa no discurso dos gestores da educação. In: BRITO, Regina P. de; VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho (org.). *Português, língua pluricêntrica*. São Paulo: Liber Ars, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. *Timor-Leste: 20 anos de independência*. Lisboa: ONU, 2022. Disponível em: <https://unric.org/pt/timor-leste-20-anos-de-independencia/#:~:text=Em%201998%2C%20as%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,independ%C3%Aancia%20formal%20de%20Timor%2DLeste>. Acesso em: 17 de out. 2023.

PAULINO, Vicente. *Alma guerreira timorense, poesias*. Timor-Leste: Edições do autor, 2021.

RAMOS, Ana Margarida. Literatura timorense: da emergência à legitimação. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 18, jul./dez. 2012. Doi: <https://doi.org/10.12957/cadsem.2012.11884>

7GRAUS LDA. *Dia de Timor-Leste*. 2023. Disponível em: <https://www.calendarr.com/portugal/dia-de-timor-leste/>. Acesso em: 17 de out. 2023.

SILVA, Andreia Pereira da. *Memória, testemunho e resistência em Xanana Gusmão: uma leitura da história de Timor-Leste a partir dos poemas de Mar Meu*. 2019. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_84fe76af5cbbfcaebf58ed1a22c7d7a5](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB_84fe76af5cbbfcaebf58ed1a22c7d7a5). Acesso em: 7 out. 2023.

TOLENTINO, Átila Bezerra; FRANCH, Mónica. *Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memórias e identidades no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/349>. Acesso em: 7 out. 2023.

Recebido em 21 de outubro de 2023.

Aprovado em 21 de dezembro de 2023.

## Resumo/Abstract

### Uma achega à poesia de Vicente Paulino: *Alma guerreira timorense, poesias*

Alleid Ribeiro Machado

Neste artigo, analisamos cinco poemas de teor engajado de Vicente Paulino, constantes do livro *Alma guerreira timorense, poesias*, de 2021. O objetivo central é destacar o papel do poeta no fortalecimento da identidade nacional de Timor-Leste. Em um momento em que o Ocidente enfrenta as crises do capitalismo global (CASTELLS, 2018) e lida com a ideia de identidades frágeis (BAUMAN, 2005), trabalhamos com a

hipótese de que a linguagem poética, ao reflexionar os contextos sociais, políticos e históricos, serve de reforço para a preservação da memória coletiva, conceito discutido por autores como Candau (2018), contribuindo, no caso de Timor-Leste, para a renovação dos paradigmas identitários, em especial, para as gerações que cresceram após a independência do país. Baseado em estudo de caso e em pesquisa bibliográfica, demonstramos como a poesia em Timor-Leste, inclusive escrita em língua portuguesa – língua de resistência –, tornou-se uma importante ferramenta para preservar a cultura e a identidade timorenses.

**Palavras-chave:** poesia, identidade, memória, Timor-Leste, língua portuguesa.

**A contribution to the poetry of Vicente Paulino: *Alma guerreira timorensis, poesias***

**Alleid Ribeiro Machado**

This paper has aimed to analyze five poems with engaging content by Vicente Paulino, contained in the book *Alma guerreira timorensis, poesias*, from 2021. The central objective was to highlight the poet's role in strengthening East Timor national identity. At a time when the West has been facing the crises of global capitalism (CASTELLS, 2018), and dealing with the idea of liquid identities (BAUMAN, 2005), we have stated from the hypothesis that poetic language, by reflecting the social, political, and historical contexts, serves to reinforce the preservation of collective memory, a concept planned by authors such as Candau (2018), contributing in the case of East Timor, to the renewal of identity paradigms, in particular, for the generations that grew up after the country's independence. Based on a case study and bibliographical research, we have sought to demonstrate how poetry in East Timor, including written in Portuguese, a language of resistance, has become an important tool for preserving Timorese culture and identity.

**Keywords:** poetry, identity, memory, East Timor, Portuguese language.